

**ABORDAGEM SOCIOLÓGICA
E COMUNICACIONAL DO DISCURSO (ASCD):
CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DAS IDENTIDADES E DOS SUJEITOS³⁹**

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)
cleidepedrosa@oi.com.br

1. Introdução

Esta comunicação faz parte da mesa-redonda – abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): contribuição à análise crítica do discurso no Brasil – e tem como objetivo, seguindo um amplo quadro classificatório da sociologia para a mudança social, estudar discursivamente o sujeito.

Há algum tempo os estudos em análise do discurso se dividiram, principalmente, em correntes que pregavam o conceito do sujeito assujeitado e sujeito transformador. Passa-se a impressão de posicionamentos extremos e estanques. O que se pode visualizar no espaço existente entre um e outro posicionamento? Há de se admitir que tanto na vida como discursivamente, uma tomada de posição não é tão simples assim, tem-se que considerar uma gama de circunstâncias que constitui os sujeitos e seus posicionamentos.

E é com esta perspectiva que pretendemos trabalhar nesta mesa, tendo como suporte teórico a abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD), desenvolvida, dentro do quadro maior da ACD, por Pedrosa (2011 e 2012a-d).

Metodologicamente, a pesquisa terá caráter qualitativo-interpretativista. Primeiramente, faremos uma revisão bibliográfica para logo em seguida, expor a classificação e análise dos tipos de sujeito coletados em diferentes *corpora*. Como resultado, esperamos contribuir (e mesmo avançar) com os estudos discursivos sobre o sujeito.

³⁹ Para conhecer mais textos sobre ASCD e ACD, visite, a partir de 20 de agosto de 2012, o site <<http://www.ascd.com.br>>. Também postamos artigos de pesquisadores que trabalham com ACD.

2. ACD: situando o Brasil

Já algumas décadas que se desenvolvem pesquisas, no Brasil, tomando-se por base a análise crítica do discurso (ACD). Alguns centros acadêmicos se destacam. Historicamente se aponta a UnB como o primeiro centro de irradiação da ACD através da tradução de *Discourse and social change* (1992) de Fairclough por Izabel Magalhães (*Discurso e mudança social*, 2001 e reimpressão em 2008). Várias pesquisas são desenvolvidas nesta Universidade, destacando-se ainda os nomes de Denize Elena Garcia da Silva, Viviane Resende e Viviane Ramalho. A UFMG, além de ser um centro forte em análise do discurso (AD), também reúne nomes em ACD, como o de Célia Magalhães como organizadora do livro *Reflexões sobre a análise crítica do discurso* (2001). Da UFSC, indica-se Malcolm Coulthard, introdutor da ACD neste espaço acadêmico, outros nomes: Caldas-Coulthard, José Luiz Meurer, Débora de Carvalho Figueiredo, Viviane Heberle. Na UERJ, dois nomes se evidenciam: Anna Elizabeth Balocco e Gisele de Carvalho. Da UNEB, indica-se o nome de Décio Bessa. Na UFS, pesquisas em ACD são desenvolvidas por Cleide Emilia Faye Pedrosa e Lêda Corrêa. Na UFPE, Prof. Dr. Antonio Marcuschi orientou trabalhos em ACD como os de Pedrosa (2005) e o de Falcone (2008). Na atualidade, Falcone representa esta perspectiva de análise nesta Universidade. Na UFRN, Pedrosa desenvolve vários projetos e várias orientações sob esta base teórica. Na UFC, orientações são desenvolvidas com esta perspectiva, principalmente depois da presença da Izabel Magalhães como professora visitante nesta instituição.

Herdamos da ACD várias correntes e abordagens com as quais os pesquisadores nacionais se filiam. Não pretendemos fazer um mapa desta filiação, mas tão somente apontar algumas destas correntes, as que mais se destacam no Brasil, a fim de melhor situar a ASCD dentro deste universo.

A corrente sociocognitiva é representada por seu fundador Van Dijk. Ele destaca a relação entre discurso, cognição e sociedade. Esta tríade tem ajudado o pesquisador a desenvolver um modelo cognitivo do entendimento do discurso a fim de explicar o significado que um determinado discurso ‘assume’ no plano social. No Brasil, lembramos o nome de Karina Falcone (UFPE) como seguidora desta corrente, considerando que seu doutorado-sanduíche foi articulado com o próprio Van Dijk. Na UFS, também a Lêda Pires Corrêa escolheu esta abordagem com aporte de investigação.

Recentemente a abordagem histórico-discursiva de Ruth Wodak (WODAK & MEYER, 2009) tem representação no Brasil através de Herimatéia Ramos de Oliveira (UFPI). Esta abordagem está pautada na teoria crítica e no inter-racionalismo simbólico. Por isso, defende que uma teoria crítica do discurso só se justifica em um contexto histórico, assim sendo procura aplicar ferramentas conceituais aos problemas sociais específicos, principalmente os focados no discurso político. Sua análise da materialidade linguística está na teoria da argumentação.

Trabalhos no Brasil também evidenciam a proposta da corrente social da linguagem de Theo van Leeuwen, principalmente seu estudo sobre os atores sociais (1997). Indicação desta classificação se encontra em Resende e Ramalho (2011) e Pedrosa (2008).

Contudo é a corrente social da linguagem de Norman Fairclough que mais se sobressai no Brasil. O autor destaca a relação linguagem – sociedade, demonstrando de que forma a prática discursiva evidencia a mudança social e cultural por que passa uma sociedade. Linguisticamente, sua análise tem por base a linguística sistêmico-funcional desenvolvida por Halliday e seus seguidores. No início de seus estudos, Fairclough considerava o discurso como uma prática social, recentemente, o autor considera aquele como um dos momentos desta prática (outros momentos da prática social: atividade material; relações sociais; crenças, valores e ideologias – fenômeno mental). Assim assume uma visão dialética do discurso e anuncia a sua abordagem como dialético-relacional, estabelecendo diálogos com Foucault, Marx e Halliday. Em várias universidades centram-se pesquisadores com esta corrente: UnB; UFMG; UFSC; UERJ; UNEB; UFRN; UFC.

Em 2011, apresentamos no congresso da ALAB, o resultado de uma pesquisa ligada ao projeto Pesquisas em Análise Crítica do Discurso no Brasil: Quem Faz e o Que Faz (PIBIC\CNPq\UFRN, Edital 01/2010 - PIC5132-2010) que nos deu a oportunidade de conhecer trabalhos os mais variados possíveis que se utilizam da ACD para sustentar seus objetos de análise, que, no caso do recorte apresentado, os trabalhos que utilizaram a ACD pelo viés da linguística aplicada.

Na extração dos dados, coletamos trabalhos científicos apresentados em congressos e, principalmente, publicados em revistas científicas, especificamente que englobava LA e classificadas em qualis A1 e 2 (de 1998 a 1º semestre de 2011), resultantes de pesquisas de pós-graduação ou de projetos de professores universitários.

Mapeamos 34 trabalhos que atendiam ao proposto, e neles, verificou-se que há uma forte influência de Fairclough. Dos 34 identificados, 31 fazem referência a este autor, seja sozinho ou na obra em coautoria com Chouliaraki e 11 trabalhos apresentam de 3 a 9 referências de Fairclough. Sendo este um forte indicio da influência deste autor entre os pesquisadores brasileiros.

Como a maioria dos pesquisadores nacionais, também nos pauta-mos pela corrente deste autor em nossa tese de doutoramento e em orientações de iniciação científica, especialização, mestrado e doutorado; contudo, novos estudos nos conduziram a desenvolver nossa própria abordagem – a abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD).

3. *ASCD: as identidades e os sujeitos*

Entre as várias contribuições da ASCD (baseadas na sociologia para mudança social; na sociologia aplicada à mudança social; na comunicação para mudança social e nos estudos culturais), recortamos, para esta mesa, o estudo das identidades e dos sujeitos, tendo por base o diálogo com a sociologia para mudança social, referendado em Bajoit (2008, 2006, 2009).

A história dos estudos da linguagem com o sujeito é longa. Tomo como referência Possenti (2009a, p. 82-89). O que faz uma analista crítica do discurso com uma referência sobre sujeito de um pesquisador AD? Para os que conhecem a obra de Possenti a que me refiro entendem minha escolha. O autor reúne, no capítulo “Dez observações sobre a questão do sujeito”, colocações que nos interessam. Destacaremos quatro que se relacionam mais de perto com nossa contribuição a este estudo. “A questão do sujeito é uma questão aberta” começa a 1ª observação, e isto é motivador, não considerar a questão do sujeito como resolvida. O sujeito (ou a função-sujeito) se diferencia de acordo com as épocas e gêneros. No 2º posicionamento, o autor critica o fato de se considerar o sujeito como não estando na origem do seu dizer, sendo secundário em relação ao social, ao linguageiro, ao ideológico, ao cultural e até mesmo ao biológico. Na 3ª proposição, Possenti nega o assujeitamento do sujeito (“pe-lo menos na formulação althusseriana”):

passsei a não aceitar a tese corrente em AD segundo a qual o sujeito é assujeitado, não foi por desconheçê-la. Foi exatamente porque eu a conhecia bastante bem e a tinha anteriormente aceito. Se passei a não mais aceita-la (...) foi por (...) razões teóricas e empíricas.

E na 10ª observação, o analista mais uma vez referenda o posicionamento trazido na 3ª proposição: “Estamos longe do sujeito assujeitado”. Argumenta, nesta observação, que Foucault (abandonando seu posto antigo) “visava agora a um sujeito das práticas do cotidiano, cercado de circunstâncias que certamente não o deixam livre, mas também não o subjagam. O sistema é frouxo, digamos assim, e obriga a escolhas, a uma estética – (...) – da existência.” Reforçando esta questão, trazemos ainda Possenti (2009b, p. 73):

Não acredito em sujeitos livres nem em sujeitos assujeitado. Sujeitos livres decidiriam a seu bel-prazer o que dizer em uma situação de interação. Sujeitos assujeitados seriam apenas pontos pelos quais passariam discursos prévios. Acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de semissistemas em processo. Nada é estanque, nem totalmente estruturado.

Por concordar também que a discussão sobre o sujeito está aberta é que a ASCD (PEDROSA, 2011; 2012a-d), com base na sociologia para a mudança social (BAJOIT, 2008, 2006), assume que o sujeito se move (ou se constitui) diferentemente, em múltiplas classificações, a depender de situações e circunstâncias que lhes causam tensões existenciais. Assim; teríamos alguns tipos de sujeito ligados as suas identidades (fragmentadas).

Os pesquisadores que se debruçam sobre a temática da identidade são unânimes em reconhecer que as identidades, na atualidade, são fragmentadas. Hall (2006), introduzindo esta questão, afirma que as identidades fixas, que consolidaram o mundo social, estão em plena decadência. Surgem novas identidades “fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (*ibidem*, p. 07). Cria-se a chamada “crise de identidade”, como parte de um processo de mudança (sociocultural) responsável pelo deslocamento de estruturas “e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (*ibidem*).

Sobre esta temática, evocamos também Bauman (2005, p. 17), quando, discutindo um episódio pessoal sobre pertencimento territorial, assevera que tanto o pertencimento quanto a identidade “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida”, já que “são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age (...) são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”.

“Nossa identidade é múltipla”, resume Angers (2008, p. 61). Para o sociólogo, nossa identidade transporta as múltiplas socializações em que nos inserimos. Assim, pode-se dizer que “a construção da nossa

identidade revela-se (...) um processo dinâmico (...) que nunca termina” (p. 60 e 61) sempre redefinido porque estamos “sempre em contato com os outros, influenciando-os” e sendo por eles influenciados. Tudo isto se coaduna com o que a “sociedade moderna propõe a seus membros, não uma única maneira de actuar ou de pensar, mas uma multidão de escolhas por entre as quais navegamos o melhor que podemos, à procura de uma definição satisfatória da nossa pessoa” (p. 61).

A partir deste ponto, estabeleceremos dois caminhos a seguir, com base em Bajoit (2006) e assumidos pela abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma discussão sobre as identidades coletivas e outra discussão sobre as identidades individuais e sua relação com os sujeitos.

3.1. Identidades coletivas

Como as identidades coletivas não são foco de nossa proposta, neste artigo, tratá-las-emos de uma maneira mais simplificada.

Toda e qualquer relação social de um indivíduo é orientada por significações culturais. Uma relação social é uma troca estabelecida entre indivíduos ou entre grupos que, segundo sua perspectiva, é orientada, logo não é arbitrária; e é significativa; ou seja, tem sentido para ele(s), pois atende a uma finalidade dentro de um modelo cultural (BAJOIT, 2006). Assim, todo indivíduo se torna um ator social considerando-se “do ponto de vista da sua margem de manobra para actuar em sociedade” (ANGERS, 2008, p. 60) dentro de alguns campos relacionais específicos (família, escola, Igreja, trabalho etc.).

Segundo Bajoit (2006, p. 140 e 141), toda relação social implica: finalidades legítimas – os atores sociais buscam legitimidade no modelo cultural em vigor; recursos (humanos e materiais) – fixa-se o aparato físico que dão suporte aos atores e define as competências (o saber fazer) para atingir as finalidades; status diferentes para os membros – distribui os atores nos campos relacionais (classes sociais, forças políticas, grupos de papéis, etc.); e meios diferentes de poder – define o grau de controle de um ator sobre o outro.

É a partir da socialização que se forma as identidades coletivas (e individuais também), pois os seres humanos têm a tendência à categorização social. Ao categorizar o outro, também categoriza a si mesmo, seja por inclusão, seja por exclusão. Deste modo “a participação

numa identidade coletiva permite a cada individuo poder contar com uma relativa solidariedade da parte dos outros membros do seu grupo de pertença ou de referência: essa solidariedade pode ser-lhe útil na realização das suas expectativas e dos seus compromissos identitários” (BAJOIT, 2006, p. 151). Por isso que uma identidade coletiva poderá apresentar um caráter durável para os membros de um grupo quanto mais eles forem orgulhosos dela e caráter menos durável se o individuo tiver vergonha do seu grupo de pertença ou de referência. Já em relação a outros grupos, o individuo pode desenvolver uma identidade invejosa (quando deseja pertencer) ou depreciante (quando desvaloriza as características de um grupo que não deseja pertencer).

O resumo proposto por Bajoit (2006, p. 154) destaca:

Modalidades de participação numa identidade coletiva:

- a) se o individuo possui os traços comuns:
 - a.1 - identidade orgulhosa: se traços valorizados
 - a.2 – identidade envergonhada: se traços desvalorizados
- b) se o individuo não possui os traços comuns:
 - b.1 – identidade invejosa: se traços valorizados
 - b.2 – identidade depreciante: se traços desvalorizados

Após discorrer sobre algumas identidades coletivas nas sociedades ocidentais, como identidades de sangue e de território (com base no modelo cultural securitário), e identidades de comunidade (com base no modelo cultural místico) identidades de classes, de interesse, de ideologia (com base no modelo cultural técnico), e identidades de integração (com base no modelo cultural identitário); o autor amplia a explicação, agora para o modelo cultural identitário e fala de outras identidades coletivas, baseadas no direito a uma ‘qualidade de vida’, são: identidades dos consumidores (de bens tecnológicos, de alimentos, de saúde, de educação, de informação, de distração etc.), identidades de usuários (consumidor dos serviços públicos e administrativos); identidades de cidadania (respeitado em sua autonomia); identidade ecológica; identidade de direitos adquiridos, entre outras (BAJOIT, 2006, p. 167-172).

Como anunciamos nosso foco será nas identidades individuais e sua relação com o(s) sujeito(s).

3.2. Identidades individuais

As identidades coletivas são atravessadas por tensões existenciais que os indivíduos gerem para construir a sua identidade pessoal (BAJOIT, 2006)

A citação que abre este tópico resume bem a construção das identidades individuais ou pessoais. Para Bajoit, a identidade pessoal é, num processo provisório e evolutivo, resultante de um trabalho gestacional de si, ou também chamado de ‘trabalho do sujeito’, ‘trabalho de construção identitária’ ou ainda ‘autogestão relacional’, isto corresponde a um trabalho incessante do ser humano sobre si mesmo para (re)construir sua identidade. O termo trabalho aqui se justifica, pois corresponde a um esforço que mobiliza recursos, não é algo dado nem evidente em si mesmo.

Quando o indivíduo trabalha para (re)construir sua identidade, ele busca, principalmente, alcançar três objetivos, ou ‘bens’ (BAJOIT, 2006, p. 174 e 175):

- a) o sentimento de *realização pessoal*: para acontecer ou atingir esta realização pessoal o indivíduo procura atender sua auto-realização, os compromissos que assume (ou assumiu) consigo mesmo e que sempre desejou. Quando o indivíduo prioriza este bem, dizemos que ele está construindo identidades dentro de uma *esfera identitária desejada (EID)*.
- b) O sentimento de *reconhecimento social*: para atender este tipo de sentimento, o indivíduo busca realizar o que ele pensa que a sociedade (os outros) espera dele. É a leitura que ele faz das expectativas dos outros: “o que esperam que eu faça ou que eu seja”. Se o indivíduo prioriza atingir este objetivo, afirmamos que ele está construindo identidades dentro de uma *esfera identitária atribuída (EIA)*.
- c) O sentimento de *consonância existencial*: para atingir este sentimento, o indivíduo busca conciliar o que ele deseja com o que ele julga que os outros esperam dele. Alcançar esta consonância existencial é o resultado desta conciliação do indivíduo entre a *realização pessoal* e o *reconhecimento social*. Quando o indivíduo investir em alcançar esta conciliação, falamos que ele está construindo suas identidades dentro de uma *esfera identitária comprometida (EIC)*.

A razão de termos chamado de ‘esfera identitária’ (desejada, atribuída e comprometida) e não identidade desejada, identidade atribuída e identidade comprometida, assim como Bajoit o faz (2008, 2006, 2009) é por julgarmos que estas ‘identidades’, na verdade, representam grandes áreas identitárias que conteriam várias identidades que o autor entende como zonas de identidade (BAJOIT, 2009, p. 13). Estas zonas têm a função de precisar melhor, para nós, identidades mais pontuais, pois acreditamos que “Identidade Desejada” (ou identidade atribuída, identidade comprometida) não identifica uma identidade específica, mas várias identidades, em múltiplos aspectos da vida, que o sujeito deseja para si, assim, não teríamos uma identidade desejada, porém várias.

Bajoit (2009) explica-nos que o que, na verdade, estrutura nossa identidade pessoal são: os desejos interiorizados, os projetos desejados (EID); as expectativas dos outros, a realização social (EIA); e os compromissos conosco mesmo, a consonância existencial (EIC)⁴⁰.

Verifica-se, deste modo, que o ‘trabalho’ de (re)construção identitária é constante, sempre em numa eterna busca em conformar estes três objetivos (ou bens). É sempre um esforço para conciliar “formas de identidade que a vida social, através de mil subterfúgios, consegue sempre mais ou menos dissociar” (BAJOIT, 2006, p. 175), pois o indivíduo nunca consegue plenamente realizar o que ele considera que esperam dele, a fim de ter reconhecimento social; nem consegue realizar completamente o que ele mesmo espera de si (realização social). A esta capacidade do indivíduo atuar sobre si mesmo com o objetivo de (re)construir sua identidade pessoal, denominamos sujeito (BAJOIT, 2008).

O indivíduo só se entrega a este trabalho (que muitas vezes se lhe afigura infrutífero) é porque se o não fizesse, sofreria mais (tensão existencial). Essas tensões interpelam o sujeito a fim de desenvolver um trabalho de autogestão que o orienta para a construção do ‘eu’, em um processo de escolhas do que lhe convém na atual circunstância a fim de (re)modelar sua ‘imagem’, ratificando ou transformando sua identidade. Nessas escolhas ora ele atende a si, ora atende ao que ele acha que os ou-

⁴⁰ O que Bajoit chama de Identidade Desejada, Identidade Atribuída e Identidade Comprometida, estamos tratando como uma esfera identitária onde se realizam outras identidades identificadas por zonas de tensões. A própria obra do autor nos oferece margem para esta interpretação (“Estas três esferas identitárias se recubrem parcialmente” (BAJOIT, 2009, p. 14)).

tros esperam dele e ora busca a reconciliação entre ambos. Sobre esta questão, trazemos Angers (2003, p. 61)

uma (...) razão que justifica que tenhamos identidades é o facto de nos sentirmos dilacerados entre o desejo de sermos nós próprios e o desejo de sermos aceites nos diversos grupos em que nos integramos, o que implica múltiplas arbitragens ou, como dizem certos sociólogos, múltiplas estratégias.

Esta tensão existencial (a dilaceração) é resultante do fracasso em alcançar um ou mais de um desses objetivos (o desejo de sermos nós mesmo (realização pessoal) ou de sermos aceites (reconhecimento social). Quando o individuo não atinge o reconhecimento social, dizemos que ele é um *sujeito denegado*; quando não consegue alcançar a realização pessoal, chamamos de *sujeito dividido*; e quando não atinge a consonância existencial, dizemos que ele é um *sujeito anômico*. Visualizemos o dito:

Sujeito denegado	Sujeito dividido	Sujeito anômico
<p>Sofre de uma denegação de reconhecimento social.</p> <p>Não consegue conciliar as esferas identitárias comprometida e atribuída.</p> <p>Ele é negado pelos outros: à integridade física; a um tratamento igual (ele é excluído, discriminado, perdendo o respeito próprio); a um lugar na sociedade (marginalizado).</p>	<p>Sofre de uma denegação de realização pessoal.</p> <p>Não consegue conciliar a esferas identitárias comprometida e desejada. “o individuo denega-se o direito de torna-se ele próprio, de realizar as expectativas identitárias que traz consigo” (p. 177).</p> <p>As origens das tensões do sujeito dividido: excesso de altruísmo, denegando-se o direito de ser exigente e até mesmo egoísta; excesso de introversão, negando-se o direito de se exprimir, de se impor; excesso de indecisão, não sabendo o que quer, não consegue decidir-se; excesso de coerência, negando-se o direito de ser incoerente de mudar de opinião, etc.; excesso de desconfiança cumulativa pelas denegações anteriores; excesso de vulnerabilidade; excesso de culpabilidade, punindo-se por qualquer fracasso.</p>	<p>Sofre de dissonância existencial.</p> <p>Não consegue conciliar as esferas identitárias atribuída e desejada.</p> <p>“o individuo interiorizou expectativas culturais de realização, que sabe ou acredita serem incompatíveis com as expectativas os outros e, portanto, com os constrangimentos sociais. E não consegue: nem fazer com que os outros aceitem suas expectativas, nem a aderir, a fazer seus os constrangimentos instituídos pelas normas sociais”. (p. 178)</p>

Quadro 01: sujeitos e a tensão existencial (com base em Bajoit, 2006, p. 175-179)

Com base no quadro, poderíamos sumarizar o explicado da seguinte forma: se o sujeito desistir de suas expectativas, negando-se a si mesmo, procurando condescender com as normas sociais, conhecerá, então, a tensão do ‘sujeito dividido’; se o sujeito, em posicionamento contrário, escolher realizar suas expectativas, poderá receber como consequência a denegação do reconhecimento social, vivenciará, deste modo, tensão do ‘sujeito denegado’. “Assim, o que fizer para resolver essa tensão irá gerar quer mais denegação de reconhecimento, quer mais denegação de realização” (BAJOIT, 2006, p. 179).

No exemplo abaixo, o discurso do(s) sujeito(s) traz fragmentos que, poderíamos afirmar, representa os três sujeitos classificados acima. Vejamos:

Não consigo me separar do meu marido, o que eu faço?

Estou casada ha 8 meses e nos ultimos 2 meses estamos brigando com muita frequencia, tivemos uma briga recentemente que foi horrivel, eu nunca posso cobrar nada dele, sempre que pergunto ou questiono algo com ele de que eu não etou gostando, ele fica nervoso e começa a gritar e a me ameaçar, nesta ultima briga ele me deu um tapa no rosto e me empurrou e veio todo nervoso querendo me bater mais, só que eu gritei e ele parou... qdo começo a conversar com ele vou sempre com calma, não querendo discultir e sim querendo resolver, sem chegar em discução mas nunca tem jeito ele nunca quer conversar, só dicultir e sempre diz q eu q estou errada, ele nunca erra.... mas esta briga foi quaze o fim de tudo xeguei a pegar as coisas e ir embora, mas sem coragem fiquei, nosso clima está horrivel, mas não consigo me separar dele, o que eu faço ?⁴¹

Dividindo o discurso em situações que envolvem contextos diferentes, temos:

- a- **Sujeito denegado:** “...eu nunca posso cobrar nada dele, sempre que pergunto ou questiono algo com ele de que eu não etou gostando, ele fica nervoso e começa a gritar e a me ameaçar, nesta ultima briga ele me deu um tapa no rosto e me empurrou e veio todo nervoso querendo me bater mais...”
- b- **Sujeito dividido:** “..qdo começo a conversar com ele vou sempre com calma, não querendo discultir e sim querendo resolver, sem chegar em discução mas nunca tem jeito ele nunca quer conversar, só dicultir e sempre diz q eu q estou errada, ele nunca erra...”

⁴¹ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100129053309AAqJCuN>>. Acesso em: 27-05-2012, 20h48.

- c- Sujeito anômico: “...mas esta briga foi quase o fim de tudo xeguei a pegar as coisas e ir embora, mas sem coragem fiquei, nosso clima está horrível, mas não consigo me separar dele, o que eu faço ?”

O que destacamos em ‘a’ (sujeito denegado) é o aspecto da denegação do reconhecimento social do papel de esposa, também é lhe negado a integridade física o que vem lhe custar o respeito próprio. Em ‘b’ (sujeito dividido), evidencia-se que o sujeito não consegue realizar-se pessoalmente como esposa, ela deseja uma conversa\dialogo tranquilo, mas não consegue (‘denega-se o direito de ser exigente’), ela não se impõe. Em ‘c’ (sujeito anômico), temos a culminação de toda a denegação. O sujeito não consegue nem atender a esfera identitária atribuída, nem desejada e faz a grande pergunta existencial – “o que eu faço ?”

No tópico seguinte, retomaremos as esferas identitárias e sua relação com os tipos de sujeito.

3.2.1. As construções identitárias do sujeito: classificação e exemplificação

É interessante no desenvolvimento deste tópico já sinalizar para o leitor a necessidade de articularmos a classificação das identidades e sujeitos que estamos trazendo da sociologia para mudança social para o discurso – posicionamento da análise sociológica e comunicacional do discurso (ASCD).

Não é preciso ser analista do discurso, ou trabalhar com a linguagem para aceitar que “as experiências do mundo passam pelo crivo do discurso” (BENTO, p. 131). O ser humano é um ser de ‘palavra’, “ele se constrói discursivamente quando assume a linguagem nesta constante relação linguagem-sociedade, mediada por todo um trabalho cognitivo sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.” (PEDROSA, 2012 d, no prelo)

Ao gerenciar suas tensões existenciais, o individuo se torna ‘sujeito’. “Ser ‘sujeito’ é ser capaz de se gerir a si mesmo, na relação com os outros (...) a fim de (re)construir constantemente as sua identidade pessoal e alcançar os três objectivos [já] indicados” (BAJOIT, 2006, p. 179): realização pessoal; reconhecimento pessoal; consonância existencial. Visualizemos no **Esquema 1**.

Aceitamos que os sujeitos, assim, como as identidades, são fragmentados. Como um sujeito único poderia construir múltiplas identidades pessoais? A seguir esclareceremos esta questão.



Esquema 01: articulação entre os objetivos do sujeito e as esferas identitárias

A) Os sujeitos da esfera identitária comprometida (EIC)

A EIC representa o trabalho real do indivíduo a (re)construir sua identidade pessoal. Conseguir a consonância existencial, não é ‘trabalho’ fácil, o indivíduo precisa gerenciar as tensões existenciais que se situam entre a realização pessoal, atendendo a sua EID, e o reconhecimento social, atendendo sua EIA. Então, no caso, a EIC é, na verdade, “o conjunto de compromissos identitários que assumiu para consigo próprio e que se encontra concretamente a realizar nas suas condutas, através das suas relações com os outros, das suas lógicas de ação; é o que ele faz da sua vida” (BAJOIT, 2006, p. 181). Esta esfera identitária está pautada nos compromissos que o indivíduo assume, na imagem que forma de si mesmo, obviamente, apoiando-se em decisões do passado e do presente e que são fundamentais para o que almeja ser ou fazer no futuro (BAJOIT, 2009). Com base em Bajoit (2006, p. 207), podemos dizer que a EIC procura dar conta “das múltiplas transações anteriores, através das quais o indivíduo geriu as suas tensões entre as expectativas dos outros e as suas próprias; essa gestão constitui frequentemente um processo longo, penoso, delicado, para chegar a semissoluções, mais ou menos aceitáveis, nunca inteiramente satisfatórias.”

Na esfera desta identidade, há a lógica de um *sujeito conseqüente* (SCq), ele assume o que escolheu, pois é preferível seguir em frente com as conseqüências de uma escolha que retroceder. No outro extremo, há a lógica de um *sujeito inovador* (SI), que sempre estar disposto a começar

do zero se vir que o projeto que elegeu para si não é o que esperava (autocrítico). Está sempre pronto a renovar, por isso, é mais flexível, mais adaptável. No meio termo, há a lógica de um *sujeito pragmático (SP)*, em que a adaptação do indivíduo pode ser com base no que ele escolheu antes, não se afastar completamente do projeto anterior.

EIC = SCq —————> SP <————— SI

Acompanhemos os discursos:

Exemplo 1:

A vida é movimento, *movimento é mudança* e é assim que vivemos. *Mudamos de atitude, mudamos de opinião, mudamos de gosto, mudamos o visual!* E quando é o contrário? Quando *deixamos de mudar algo em nós, por medo* do que os outros irão pensar? Eu sou assim e tenho procurado mudar (*não é contraditório?*).⁴²

Exemplo 2:

Estou completando 65 anos esta semana. A data mexe comigo e me convida a avaliar o trajeto que fiz até aqui. (...)

Também sou fiel aos meus sonhos. Quero sobretudo uma sociedade justa, pacífica e democrática. Por ela enfrentei muitas lutas; mas, aos trancos e barrancos, sobrevivi.

E continuo sonhando, certo de que os sonhos não envelhecem.

Atualmente, estou envolvido em três projetos: Associação dos Amigos do Memorial da Anistia Política do Brasil, Associação Cultural José Martí (Solidariedade a Cuba) e a Comissão da Verdade (assessor especial da OAB/MG). (...)

Abraços,
BETINHO DUARTE⁴³

Exemplo 3:

Vou deixar algo bem claro aqui sobre 'trabalhar com o que gosta'. *Tenham em mente que trabalho é uma atividade que existe unicamente pra lhe prover dinheiro*, pois sem ele ninguém faz nada nesse mundo.(...)

Ninguém trabalha por prazer. Você até pode contar essa mentira pra si mesmo, mas eu te garanto: *você só trabalha porque é obrigado*. E não adianta di-

⁴² Disponível em: <<http://www.dasgurias.com/2011/06/02/pela-arte-de-mudar>>. Acesso em: 23-05-2012 às 15h29.

⁴³ Disponível em: <<http://betinoduarte.blogspot.com.br>>. Acesso em: 23-05-2012 às 15h35.

zer que tem muita gente rica que continua trabalhando. Esses não trabalham. Pra eles o trabalho virou lazer (...)

O segredo do sucesso é ter em mente que o trabalho é necessário para ganhar dinheiro e com isso conquistar o que realmente importa. Lazer, viagens, bens materiais também, não sejamos hipócritas. Seria o máximo se pudéssemos viver de luz e ter todo o tempo do mundo pro amor, pra família e pro prazer. Mas o mundo não funciona assim.

*Não tenha vergonha, nojo, preguiça ou ojeriza ao trabalho. Apenas encare-o da forma como ele deve ser encarado. Como um meio, não como um fim. Pode ter certeza que você vai ser bem mais feliz dessa forma, pois suas expectativas estarão sendo depositadas nos lugares certos.*⁴⁴

Identificamos o discurso 1, como exemplo de sujeito inovador (“Mudamos de atitude, mudamos de opinião, mudamos de gosto, mudamos o *visual!*”). A repetição da lexia ‘mudar’ corrobora o discurso deste sujeito. Já no exemplo 2, identificamos a lógica de um sujeito consequente. Pelo menos, na esfera da vida identificada, o sujeito prefere assumir as consequências de suas escolhas, de seus projetos de vida (“*Também sou fiel aos meus sonhos*”) que retroceder diante dos obstáculos (“*enfrentei muitas lutas; mas, aos trancos e barrancos, sobrevivi*”). A narrativa de vida assinala um sujeito que escolheu seguir seus sonhos. No 3º exemplo, a lógica que move o trabalho do sujeito é conciliar perspectivas opostas; assim ele se anuncia como um sujeito pragmático, que faz o que precisa para sobreviver (“Tenham em mente que trabalho é uma atividade que existe unicamente pra lhe prover dinheiro”; “O segredo do sucesso é ter em mente que o trabalho é necessário para ganhar dinheiro e com isso conquistar o que realmente importa”) e usufrui a vida como fruto do trabalho. Sua visão do mundo é pragmática (“Seria o máximo se pudéssemos viver de luz e ter todo o tempo do mundo pro amor, pra família e pro prazer. Mas o mundo não funciona assim”).

B) Os sujeitos da esfera identitária atribuída

A EIA tem a ver com a leitura ou interpretação do indivíduo acerca do ponto de vista que o outro tem ou que espera dele. É como ele apreende o que os outros, a sociedade espera dele. É uma leitura que ele faz do social, “o que o mundo espera que eu faça”. Esta esfera

⁴⁴ Disponível em: <<http://cademeudorflex.blogspot.com.br/2012/01/vou-trabalhar-com-o-que-eu-gosto.html>>. Acesso em: 08-04-2012.

Contem tudo o que o individuo percebe, explícita ou confusamente, como as expectativas dos demais com respeito a si mesmo (outras personalidades, seus pais, seu cônjuge, seus filhos, seus amigos... e)ou instituições (a escola, o mercado de trabalho, o Estado...) é o que ele crer que seu meio social espera dele, e que tem interiorizado na sua consciência moral. Esta identidade [esfera] lhe indica, em consequência, as quantidades e as qualidades dos 'objetos de satisfação' aos quais a cultura lhe reconhece direito de acesso, dadas suas posições sociais; simultaneamente lhe impõe os limites que os demais atribuem a sua legítima satisfação (BAJOIT, 2009, p. 12).

As lógicas construídas pelos sujeitos são as seguintes: “o que esperam de mim é legítimo”, ou “não vale apenas enfrentar as instituições” – essa é a lógica de um *sujeito conformista (SCf)*; “isto não é justo, não é legítimo” ou “vale apenas enfrentar as instituições”, ou “não compensa atender as expectativas dos outros” – essa é a lógica do *sujeito rebelde (SR)*; e quando o individuo consegue conciliar estes extremos, dizemos que é um *sujeito adaptador (SAd)*.

EIA = SCf —————> Sad <———— SR

Exemplo 4 –

Acho que no meu caso continuo casada por causa de minha filha, não tenho mais certeza se amo como marido ou como um amigo que me deu o presente mais lindo que poderia ganhar que é minha filha, sei lá acho que é um sentimento de gratidão!⁴⁵

Exemplo 5:

(Tô morando sozinho, de Joao Neto & Frederico)

Pai, tô te ligando pra dizer tá tudo bem Manda dinheiro...	Agora eu tô sossegado Tô na farra e não nego Ninguém manda em mim Eu faço tudo o que eu quero
Mãe, sem a senhora controlando tá legal.....	Agora eu tô sossegado Ave fora do ninho Não devo satisfação Eu tô morando sozinho

Fonte: <<http://www.joanetoefrederico.com.br>>. Acesso em: 29-05-2012, as 19h21.

Exemplo 6:

Apelidinho de casal apaixonado (sujeito adaptador)

⁴⁵ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080724115502AAXErDz>>. Acesso em: 11-06-2012, as 9h39.

Eu como homem, com nome de homem que tenho, *não me conformo comigo mesmo que deixo minha namorada me chamar de um apelido aí que não vou escrever aqui, é íntimo*. Não tem explicação eu permitir que ela me chame daquele jeito na frente de quem for: “Ah, (apelido oculto), por favor!”.

Deve ser como no caso da bolsa, com a mulher do lado a coisa é normal. Mas tem coisa pior que o meu apelido (eu acho isso, claro): Môr, Benhê, Titico, Fofucho, Baby, Moreco, Tesouro... e por aí vai até o inimaginável.

*É o amor que faz homens levarem bolsas de oncinhas e atenderem pelo nome de Fofucho? Deixo claro que eu não levo bolsa, no máximo seguro por alguns instantes em pose de macho (tipo quase jogando fora o objeto) e olhando pros lados pra ver se alguém tá reparando naquela situação constrangedora para mim.*⁴⁶

Observemos as lógicas dos sujeitos exemplificados acima: sujeito conformista (ex. 4); sujeito rebelde (ex. 5) e sujeito adaptador (ex. 6). O sujeito conformista condescende em continuar casada “por causa da filha” e busca mais razões para sua atitude: “um amigo que me deu o presente mais lindo que poderia ganhar...”, “sentimento de gratidão!”. Exemplo 5, o sujeito rebelde, apresenta lógica contrária. Na autogestão relacional de si, liberta-se da autoridade paterna e materna (“Pai, tô te ligando pra dizer tá tudo bem”; “Mãe, sem a senhora controlando tá legal”; “Ave fora do ninho”) e assume sua vida à sua maneira (“Ninguém manda em mim”; “Eu faço tudo o que eu quero”). Por último, o sujeito adaptador (ex.06). O sujeito anuncia a sua própria tensão em não se conformar consigo mesmo (“não me conformo comigo mesmo que deixo minha namorada me chamar de um apelido”; Não tem explicação eu permitir que ela me chame daquele jeito”), ele se anuncia como adaptador através do discurso: “Deixo claro que eu não levo bolsa, no máximo seguro por alguns instantes em pose de macho”. Ao lermos o texto que trazemos no exemplo 06, dá-se a impressão de que estamos diante de um sujeito autêntico ou mesmo rebelde, mas analisando sua enunciação, as escolhas vocabulares, identificamos, que na verdade, o sujeito procura se adaptar à situação, que a demonstração de ‘revolta’ não passa de estratégia do sujeito adaptador.

C) Os sujeitos da esfera identitária desejada

A EID liga-se, como já afirmado, à busca de realização pessoal. Atende ao projeto identitário do indivíduo, o que ele sempre desejou ser ou fazer de sua vida (seja ou não com aprovação do outro). Este tipo

⁴⁶ Disponível em: <<http://naomeconformo.wordpress.com>>. Acesso em: 20-05-2012, às 19h57.

articula-se também com o que o sujeito já conseguiu realizar de seus projetos. Esta EID “certamente, tem sido formada culturalmente: por sua prática das relações sociais, por sua interiorização dos sentidos culturais vigentes, por sua participação nas identidades coletivas.” (BAJOIT, 2008, p. 159).

Diante de todas as tensões existenciais e modelo cultural e social que o indivíduo experienciou, ele procura ora atender a seus projetos, instaurando o *sujeito autêntico* (SAut), ora atende às perspectivas alheias, priorizando o reconhecimento social, constituindo-se um *sujeito altruísta* (SAlt). É, obviamente, na conciliação desses dois extremos que se encontra a grande parte da maneira de gestão desta esfera identitária, o *sujeito estrategista* (SE) (BAJOIT, 2006, 2008).

EID = SAut \longrightarrow SE \longleftarrow Salt

Exemplo 7:

A frase: "O segredo do sucesso eu não sei, mas o do fracasso é tentar agradar a todo mundo" está correta?

Acrescentaria ou mudaria algo nela?

Melhor resposta - Escolhida pelo autor da pergunta

corretíssima..... eu acrescentaria algo,,,,, também não sei o segredo do sucesso absoluto, porém o mais próximo dele é sermos quem somos, sem maquiagens ou mentiras, assim temos as chances de ter sucesso com prazer, mesmo que tenhamos que pagar um preço por isso, porque o maior sucesso é o interno e o que vem do coração!⁴⁷

Exemplo 8:

Vitor eu faço trabalho voluntário na Igreja Católica como Catequista e também na Pastoral do Batismo.

São atividades que faço com muito amor. Gosto muito.

As vezes sinto-me muito cansada, pois tem finais de semanas exaustivos por demais rsrs, mas quando a gente para e pensa bem, como é bom trabalhar voluntariamente!!!!⁴⁸

Exemplo 9:

⁴⁷ Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080117121025AAy044m>>. Acesso em: 29-05-2012, às 19h27.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.victorsgomez.com/2010/05/projeto-da-lei-do-trabalho-voluntario.html>>. Acesso em: 30-05-2012, às 16h12.

Aquaflux: Você pensa em escrever mais livros? Se sim, quais temas gostaria de abordar?

Sérgio Gomes: No momento não. É muito trabalhoso. Meu trabalho hoje consome todas as minhas energias e nas minhas horas vagas gosto de me dedicar ao meu filho, minha futura esposa e meu cachorro. Ah, também divido meu tempo vago entre eles e meu mais novo hobby, o motociclismo.⁴⁹

Vejamos como se diferencia as lógicas entre os sujeitos. No exemplo 7, o sujeito, na gestão relacional de si, escolhe desafiar ‘o mundo’ para agradar a si mesmo, defendendo o posicionamento de um sujeito autêntico. No exemplo 8, o sujeito sente-se realizado em atender uma demanda social de voluntariado, o sujeito altruísta. No exemplo 9, o sujeito tem realização profissional, faz o que deseja, e também busca atender o reconhecimento social, pelo menos, no que diz respeito à família.

D As lógicas do sujeito

Cada uma das três esferas identitárias (desejada, atribuída e comprometida) comporta variante(s), segundo as lógicas do sujeito diante do ‘trabalho’ de gerir suas tensões.

a) Duas maneiras de obter reconhecimento social

– através da lógica de mobilidade do sujeito adaptador: este sujeito atribui muito valor ao reconhecimento social, por isso procura, mesmo à custa de plena realização pessoal, trabalharem dentro de uma mobilidade que atenda aos dois aspectos.

– através da lógica de integração do sujeito conformista: a lógica deste sujeito está ligada à sua segurança através da integração social, por isso, evita desafiar os ‘valores seguros’, tradicionais.

b) Duas maneiras de buscar realização pessoal

– através da lógica autotélica do sujeito autêntico: a lógica deste sujeito é a autorealização, atender a paixão que o move.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.aquaflux.com.br/conteudo/entrevistas/entrevista-com-sergio-gomes.php>>. Acesso em: 30-05-2012, as 16h22.

– através da lógica hedonista do sujeito estrategista: a lógica deste sujeito é viver o presente, sem culpa e sem remorso. A busca da ‘felicidade hoje’ é que move suas decisões.

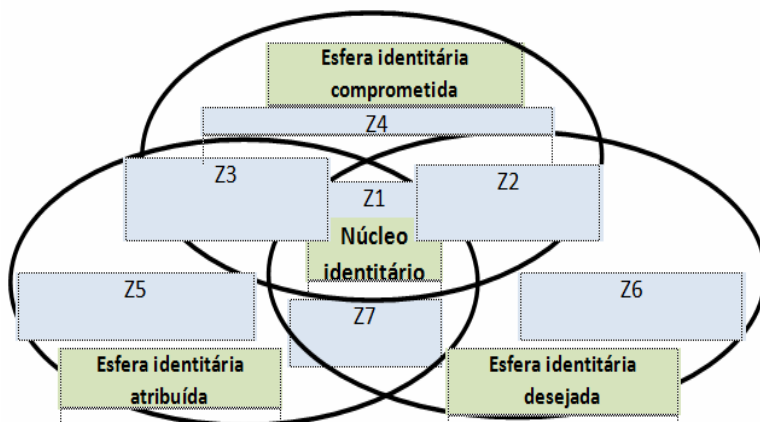
c) Uma maneira de conciliar o reconhecimento social e a realização pessoal

– através da lógica do sujeito pragmático: a lógica deste sujeito é atender o que a sociedade espera dele e também não deixar de se realizar pessoalmente.

3.2.2. As zonas identitárias

Em alguns trabalhos de Bajoit (2008, 2006 e 2009), o autor trata (com algumas adaptações) das zonas de tensão que o sujeito precisa lidar a fim de gerenciar sua vida e (re)construir constantemente sua identidade.

As três esferas identitárias (EID, EIC, EIA) apresentam pontos de interrelação, ou seja, parcialmente se recobrem: “o indivíduo realiza sempre, ao menos, uma parte do que deseja ser e fazer (...); e ao realizá-lo, satisfaz sempre mais ou menos o que os demais esperam dele (...); e o que deseja para si mesmo nunca é inteiramente incompatível com o que os outros esperam dele (...)” (BAJOIT, 2009, p. 14). Abaixo a representação:



Esquema 02: esferas identitárias e as zonas de tensão (com base em BAJOIT, 2009)

Expliquemos as Z:

Z1 – é a zona central de todas as conexões, chamada de ‘núcleo identitário’. O ponto máximo de consonância existencial, em que a realização pessoal coincide com o reconhecimento social.

As outras Zonas são chamadas de periféricas, estão ao redor deste ‘olho do ciclone’ (Z1), pois os traços identitários dessas outras zonas põem em perigo a estabilidade alcançada pelo sujeito em sua consonância existencial máxima. As numerações seguirão o conjunto de zonas articulado com as respectivas esferas identitárias, a referência será Bajoit (2009):

Zonas da esfera identitária comprometida

Z2 – Zona de realização desviante (desvio): é a zona de denegação de reconhecimento social, ou de desvio: zona em que o sujeito prefere abrir mão do reconhecimento pessoal em prol de sua realização pessoal.

Z3 – Zona de submissão obrigada: é a zona da obrigação social, projetos que o sujeito realiza contra sua vontade para atender as expectativas do outro.

Z4 – Zona de autodestruição: é a zona onde o que o indivíduo faz (ou é) desrespeita a si mesmo e aos outros, não atende nem suas expectativas nem a dos outros.

Zonas da esfera identitária desejada:

Z6 – Zona de repressão ou de projetos renunciados: é a zona de tensão em que o sujeito renuncia (consciente ou inconscientemente) seus projetos, mesmo sem ter tentado, pois foi vetado por outros (ou pelo mundo sócio-cultural).

Z7 – Zona de inibição ou de projetos autocensurados: zona de tensão do sujeito por ter renunciado seus projetos, definitivamente ou não, mesmo sem ter sofrido censura do outro, por não ter capacidade ou meio.

E mais as outras Z de intersecção: 1, e 2

Zonas da esfera identitária atribuída

Z5 – Zona de insubmissão: é a zona que o sujeito renuncia ser ou fazer, já que não corresponde a seus desejos, não lhe é significativo, embora os outros tenham expectativa sobre.

E mais as outras Z de intersecção: 1, 2 e 7.

As Z 1, 2, 3, e 4 fazem parte da esfera identitária comprometida “elas contem o que o indivíduo é ou faz”. Já as Z 5, 6 e 7 correspondem “ao que ele *não é* ou *deixa de fazer*” (BAJOIT, 2009, p. 15).

4. Para não dizer que não concluímos

Como frisou Possenti (2009), a questão do sujeito é uma questão aberta. Isto nos deu margem para também apresentar nosso recente estudo. Esperamos que esta contribuição seja relevante para nossas reflexões em um contexto tão complexo quanto este em que estamos inseridos.

Estudos pós-modernos em áreas como a sociologia, os estudos culturais, a psicologia, a análise do discurso, entre outras áreas, discutem amplamente as identidades fragmentadas como sendo a nota tônica que move nossas discursões e análises. Assim, foi que julgamos coerente nos apropriarmos dessa contribuição da sociologia para mudança social sobre identidades e sujeito e aplicá-la ao discurso, nosso objeto central de análise.

Como bem pontuou Compagnon (2007, p. 135):

Toda enunciação produz simultaneamente um enunciado e um sujeito. Não há um sujeito anterior à enunciação ou à escrita e, em seguida, uma enunciação, como se fosse um atributo ou uma modalidade existencial desse sujeito; mas a enunciação é constitutiva do sujeito, o sujeito advém na enunciação.

Foi este sujeito que se anuncia no discurso que quisemos evidenciar, ou melhor, ‘foram estes sujeitos’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERS, Maurice. *A sociologia e o conhecimento de si: uma outra maneira de nos conhecermos graças à sociologia*. Instituto Piaget: Lisboa, 2008.

BAJOIT, Guy. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, 2008.

_____. *Tudo muda*: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí: Unijuí, 2006.

_____. La tiranía del Gran ISA. *Revista Eletrônica: Cultura e Representações Sociais*, ano 3, no 06, março de 2009, México, 2009. Disponível em: <<http://www.culturayrs.org.mx/revista/num6/Bajoit.html>>. Acesso em: 31-05-2012, às 16h46.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENTO, André Lúcio. Quem vai pagar a conta? o papel dos sistemas de transitividade e de modo (mood) no anúncio da tributação das cadernetas de poupança em manchetes de oito jornais brasileiros. In: VIERA, Jose-nia Antunes et al. (Orgs.). *Discursos nas práticas sociais*: Perspectivas em multimodalidade e em gramática sistêmico-funcional. São Paulo: Annablume, 2010, p. 131-152.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEEUVEN, Theo van. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 169-222.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise crítica do discurso*: do linguístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: UFS, 2008.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Proposta da abordagem sociológica e comunicacional do discurso* (ASCD). Disponível em: <<http://www.facebook.com/groups/302757813073801>>. Acesso em: 27-10-2011, 16h52 e 07-11-2011, 15h32

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso* (ASCD) e posicionamento acerca do sujeito, 2012 a. Disponível em: <<http://www.facebook.com/groups/302757813073801>>. Acesso em: 22-01-2012, 10h09

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso* (ASCD) e o quadro identitário. 2012 b. Disponível em:

<<http://www.facebook.com/groups/302757813073801>>. Acesso em: 06-02-2012, 12h48.

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso* (ASCD): por uma definição dos conceitos e categorias. 2012 c. Encontro do Grupo de Pesquisa GETED, linha: Análise Crítica do Discurso, UFRN, 29 de março de 2012.

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso, uma proposta para análise crítica do discurso*. No prelo, 2012d.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009a.

_____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola, 2009b.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse analysis: history, agenda, theory e methodology. In: ____; _____. (Orgs.). *Methods of critical discourse analysis*. 2. ed. Atual. e mod. Londres: Sage, 2009.